

A invisibilidade como sintoma da vulnerabilidade social¹

*Where are Harmony and union?
Invisibility as a symptom of social vulnerability*

Roberto Salbego Donicht, Andrea Fricke Duarte

Resumo

"Experiência e Linguagem como estratégias de Resistência: As narrativas dos moradores de comunidades em situação de vulnerabilidade na cidade de Santo Ângelo" é um projeto que tem como objetivo escutar e documentar as narrativas dos moradores dos bairros Harmonia e União da cidade de Santo Ângelo, bairros esses que estão em condição de vulnerabilidade social. A base metodológica é a teoria psicanalítica, a qual aposta na oferta da escuta como uma modalidade de resistência, permitindo o reaparecimento do sujeito em condições de exclusão, possibilitando o seu empoderamento frente ao outro, a sua transformação em sujeito ativo. Conclui-se que a situação de invisibilidade social ocasionada pela a exclusão social na qual esses moradores se encontram traz inúmeros malefícios, destituindo o lugar de sujeito dos moradores, além disso, nota-se que ofertar um espaço de escuta e a criação de algum tipo de dispositivo de mídia possui uma potencialidade de transformação dessa problemática.

Palavras-chave

Exclusão Social, Psicanálise, Compartilhamento de Experiência.

Abstract

"Experience and Language as Resistance Strategies: The narratives of the residents of vulnerable communities in the city of Santo Ângelo" is a project that aims to listen and document the narratives of the residents of the Harmonia and União neighborhoods in the city of Santo Ângelo, neighborhoods that are in a condition of social vulnerability. The methodological basis is the psychoanalytic theory, which bets on the offer of listening as a form of resistance, allowing the reappearance of the subject in conditions of exclusion, enabling his empowerment in relation to the other, his transformation into an active subject. It is concluded that the situation of social invisibility caused by the social exclusion in which these residents find themselves brings innumerable harm, depriving the place of subject of the residents, in addition, it is noted that offering a space for listening and the creation of some kind media device has the potential to transform this problem.

Keywords

Social Exclusion, Psychoanalysis, Experience Sharing.

Roberto Salbego Donicht

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Graduado em Psicologia. Bolsista do projeto de pesquisa intitulado: Experiência e linguagem como estratégias de resistência: as narrativas dos moradores de comunidades em situação de vulnerabilidade na cidade de Santo Ângelo.

robertodonicht@hotmail.com

Andrea Fricke Duarte

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões

Doutora em Psicologia Social e Institucional.

andreaduarte@san.uri.br

1

O trabalho é um recorte do projeto de pesquisa intitulado "Experiência e Linguagem como estratégias de Resistência: As narrativas dos moradores de comunidades em situação de vulnerabilidade na cidade de Santo Ângelo" que é realizado por acadêmicos e professora do curso de psicologia da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI - Campus de Santo Ângelo). Seu Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE) é: 86131118.6.0000.5354.

Introdução

Obras como o “Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada” (2014) escrito por Carolina de Jesus, uma negra favelada que morava na região do Canindé na zona norte de São Paulo e o documentário audiovisual “Estamira” lançado em 2005 que retrata a história de vida de uma mulher em adoecimento psíquico que mora/trabalha no Aterro Sanitário do Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro, conseguem trazer à tona realidades até então desconhecidas e/ou renegada por grande parte da população: A da extrema pobreza e a da negligência humana para com o próximo, para com o ser humano.

Em ambas obras, principalmente em o “Quarto do Despejo”, é possível observar o quanto os sujeitos em vulnerabilidade social são ignorados pelo o Estado e também pelo outro, como se os mesmos fossem desprovidos de subjetividade, não fossem sujeitos, não fossem gente. Na leitura do diário de Carolina de Jesus, nota-se inúmeras vezes o desprezo que as pessoas “não faveladas” sentem contra os favelados, percebendo-se assim, que esta parcela da população além de ser negligenciada pelo governo, também é deixada à margem pela própria população que se encontra em melhores condições (JESUS, 2014). Enfim, tais indivíduos são marginalizados e são invisibilizados, pois, quando vistos, são um incômodo.

A única exceção que ocorre no livro de Carolina de Jesus é quando a mesma e a sua comunidade são convidados para um evento filantrópico organizado por um político (JESUS, 2014). Ainda assim, Carolina logo nota que eles estão sendo usados como massa de manobra, ganhando pão apenas para que o político ganhe votos futuramente. Logo, nessa situação eles continuam não sendo colocados na posição de sujeito, mas de objeto, o objeto de desejo do político que os vê como votos, números e não indivíduos.

Outras duas obras artísticas, “Persépolis”, filme francês lançado em 2007 e “Falcão: Meninos do Tráfico” (ATHAYDE; BILL, 2006) livro e documentário brasileiro, também trazem relatos de sujeitos que de alguma forma transformam-se ocultos em nossa sociedade.

A primeira obra, escrita por Marjane Satrapi, relata o período da Revolução Iraniana que ocorreu em 1979 narrado pelos os olhos da personagem Persépolis, a qual devido a questões de fanatismo religioso e ideológico, refugia-se em Viena, Áustria. Durante sua estadia em Viena, ela acaba por se tornar moradora de rua por um período e é totalmente não vista pelo o outro, ao contrário do que se passava no Irã, onde o excesso de vigilância a fez fugir. No Irã, seu isolamento era ideológico, na Europa, ele tange ao real, ela não tem amigos e nem ninguém para formar vínculos, ademais, o filme traz um espectro solitário em toda a estadia dela na Áustria, onde ela é a estrangeira e a “imigrante do país em guerra”, tanto que a mesma preferiu retornar ao Irã, aonde ao menos possuía o aporte familiar (PERSÉPOLIS, 2007).

Já “Falcão: Meninos do Tráfico” é um livro e documentário que nos apresenta a história de meninos que entraram na vida do tráfico, mas especificamente no cargo de falcão, os responsáveis por avisar quando a polícia está subindo o morro (ATHAYDE; BILL, 2006). Durante a leitura do livro, é possível notar que tais meninos não possuem um aporte estatal e, na maioria das vezes, também familiar, a sociedade também os obscureceu, não ofertando a possibilidade de caminhos que não fossem os da ilegalidade, somente o crime deu voz aos mesmos, os possibilitou serem sujeitos (ATHAYDE; BILL, 2006). Inclusive, vale ressaltar que, de todos os garotos entrevistados, somente um sobreviveu até o fim da criação do documentário, o Serginho Fortalece com o seu sonho de tornar-se palhaço. A invisibilidade social não apenas apaga o seu papel de sujeitos como também os mata (BRUM, 2017).

Há ainda o livro “O Olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real” compilado de histórias sobre pessoas “comuns” feito por Eliane Brum (2017), através de sua obra podemos conhecer diversas realidades brasileiras, como as parteiras do Amapá, os conflitos indígenas que ocorrem em Roraima, dentre outros (BRUM, 2017). Nota-se, portanto, que o registro das narrativas possui uma potencialidade, uma potência criadora, elas nos permitem conhecer um novo mundo e as suas características.

Mas o que a história de todas essas pessoas retratadas nestas obras tem em comum? É a questão da invisibilidade social destes indivíduos, seja devido a pobreza, o adoecimento psíquico, questões culturais e/ou a criminalidade. São temas que causam angústia, que tocam na zona de conforto e por tal razão grande parcela da população tenta ao máximo segregá-los, torna-los invisíveis. No entanto, esquecer que o problema existe, não resolve o problema, apenas o abafa, o invisibiliza. Sendo assim, é possível observar o poder da narrativa e da arte para expressar e dar voz a estes sujeitos que estão à margem. É através destas obras supracitadas, que eles conseguem contar suas histórias, mostrar ao resto do mundo que eles existem, que são importantes, é uma forma de validar a existência destas pessoas, de permitir que eles sejam escutados. Afinal:

A oferta da escuta pode organizar uma demanda, que restitui um campo mínimo de significantes referidos ao campo do Outro que possam circular, para permitir ao sujeito localizar-se e poder dar valor e sentido à sua experiência de dor, articulando um apelo que o retire do mutismo (ROSA; POLI, 2009, p. 10).

A narrativa e o espaço para se expressar é extremamente rico, pois elas “[...] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou uma norma de vida [...]” (BENJAMIN, 1987, p. 200). A escuta é um mecanismo de compartilhamento de experiência, sendo uma excelente ferramenta de aprendizado, investigação e de transformação.

Tendo a consciência da importância da narrativa, houve a iniciativa da criação do projeto “Experiência e Linguagem como estratégias de Resistência: As narrativas dos moradores de comunidades em situação de vulnerabilidade na cidade de Santo Ângelo”. A proposta é a de ouvir relatos de moradores dos bairros Harmonia e União, bairros tidos em situação de vulnerabilidade social da cidade de Santo Ângelo – Rio Grande do Sul, tentando compreender as características que permeiam o dia a dia de sujeitos que vivem nessas situações.

Após isso, pretende-se criar depois da escuta dos mesmos alguma forma de expressão artística para legitimar estas pessoas como cidadãos de direitos. Oferecendo ações concretas que possam de algum modo auxiliar ambas as comunidades e, além disto, que isto também contribua para a reflexão acerca da temática de vulnerabilidade social. A proposta, então, é a construção de dados capazes de serem significativos tanto para o âmbito acadêmico, quanto social.

Sobre essa pretensão de colaborar tanto para o desenvolvimento acadêmico sobre a temática como também construir algum tipo de dispositivo artístico, Carl Sagan em seu livro “O Mundo Assombrado pelos Demônios” (SAGAN, 1995) comenta sobre como unir a razão/ceticismo com a criatividade/arte pode acabar trazendo bons resultados. A arte e a ciência não são inimigas, inclusive a sua união as fortalece, desde que a questão metodológica seja respeitada. Além disto, Freud em seu pós-escrito de sobre a “Questão da Análise Leiga” (1927/1988) comenta sobre essa especificidade da psicanálise, na qual a investigação, a produção de conhecimento

acadêmico e científico está ligada com a cura e a prática clínica, ele diz então sobre a importância da psicanálise não dissociar a cura e a investigação, elas coincidem. (FREUD, 1927/1988).

Consequentemente, “[...]é preciso assumir as práticas artísticas como um lugar legítimo de produção de conhecimento” (DUARTE; SOUZA, 2015, p. 109). Em vista disso, oferecer um momento de escuta, além de servir como um mecanismo de investigação, pode acabar sendo terapêutico aos moradores dessas comunidades.

Por fim, após a aquisição dos dados da pesquisa, pretende-se criar algum dispositivo de mídia para que a história desses moradores seja divulgada e discutida não só no meio acadêmico, como também na sociedade. Essa parte abarca o final da pesquisa, onde os pesquisadores irão refletir acerca de qual será a melhor forma de divulgação para os dados adquiridos, tendo em mente questões éticas acerca do desejo de cada morador sobre sua narrativa. Até o momento, a produção de um livro ou algum tipo de mídia audiovisual são as opções mais discutidas, sendo importante ressaltar que, a criação dessas mídias será inspirada nas obras testemunhais supracitadas incorporadas em conjunto com as idiossincrasias dos pesquisadores.

Uma questão interessante sobre a criação desses dispositivos de mídias, e até mesmo a própria escuta ofertada aos moradores, é referente a sua potencialidade criativa, talvez a oferta da escuta e/ou a divulgação desses relatos possam acabar tornando-se uma forma de melhorar a condição de vida dos moradores desses dois bairros. Bons exemplos são o da Carolina de Jesus que através de seus diários consegue sair da favela e de Marjane Satrapi que transformou suas vivências em uma história em quadrinhos mundialmente premiado, na obra *Persépolis* (JESUS, 2014; *PERSÉPOLIS*, 2007). Assim sendo, o ato de compartilhar experiências, de escutar e de ser escutado possui uma grande potência transformadora, ela possibilita questionar o instituído e até mesmo modificá-lo (ROSA; POLI, 2009). É ao conhecer a história de vida das outras pessoas, ao escutá-las, que podemos oferecer “as condições necessárias para a localização subjetiva”. (ROSA; POLI, 2009, p. 10).

Ainda sobre essa questão da localização subjetiva, as psicanalistas Rosa e Poli (2009) vão trazer sobre a importância do desejo do analista em ouvir e escutar a história do sujeito, isso colabora para uma resolução de um trauma psíquico. Elas trazem que “a angústia surge justamente quando não há distância entre a demanda inconsciente e a resposta do Outro, quando se perde a distância entre o enunciado e a enunciação”. (ROSA; POLI, 2009, p. 10). Logo, é justamente a postura do analista em confiar, possibilitar um espaço de escuta e fala para o sujeito que irá contribuir para que o mesmo tenha o seu sofrimento validado e, possa assim, haver uma elaboração dessa angústia e trauma. (CANAVÊZ; HERZOG, 2012).

Dito isso, o presente trabalho tem como intuito apresentar um recorte parcial dos resultados e reflexões adquiridos com o projeto de pesquisa “Experiência e Linguagem como estratégias de Resistência: As narrativas dos moradores de comunidades em situação de vulnerabilidade na cidade de Santo Ângelo”, buscando-se assim com este artigo compreender mais especificamente as consequências da invisibilidade social e a potencialidade da escuta e da criação de obras de testemunhos para combater essa problemática.

Metodologia

Detendo-se agora sobre questões metodológicas, a pesquisa é referenciada na teoria psicanalítica, principalmente ao que se refere a escuta psicanalítica, e em preceitos da clínica ampliada. Deste modo, há uma postura ética por parte dos pesquisadores referente a importância da escuta e a compreensão de que cada indivíduo é um, possuindo sua própria subjetividade e sendo permeada pelo o ambiente que o cerca, formando assim um funcionamento sistêmico do indivíduo (BRASIL, 2007).

Referindo-se a psicanálise como método investigativo e de pesquisa, isto significa que há três pontos essenciais para compreender o ato de fazer pesquisa. O primeiro ponto refere-se acerca da percepção de que a simples escolha de um objeto de pesquisa irá indubitavelmente modificá-lo, transformá-lo, reconhecer isso significa saber que todo o início de uma interrogação/problema de pesquisa levará a uma resposta que desconhecida (DUARTE; SOUZA, 2015). A pesquisa em si mesma irá influenciar nas ações do pesquisador e pesquisado, transformando assim o conhecimento produzido, criando-se alterações em ambos (DUARTE; SOUZA, 2015). Acerca disso, Foucault comentará que:

[...] o essencial é que o pensamento seja, por si mesmo e na espessura do seu trabalho, ao mesmo tempo saber e modificação do que ele sabe, reflexão e transformação do modo de ser daquilo sobre o que ele reflete. Ele põe em movimento, desde logo, aquilo que toca: não pode descobrir o impensado, ou ao menos ir em sua direção, sem logo aproximá-lo de si – ou talvez ainda, sem afastá-lo sem que o ser do homem, em todo o caso, uma vez que ele se desenrola nessa distância, não se ache, por isso mesmo, alterado (FOUCAULT, 1999, p. 350-351).

O segundo ponto concerne a questão de entender que toda produção científica é uma produção subjetiva, que a verdade não é universal, porém falha e temporária. Isso significa dizer que “[...] a pesquisa que parte da produção de subjetividade sabe que nada está dado como natural e que as coisas não existem desde sempre, são frutos de uma construção histórica e social a qual, ao mesmo tempo que se produz, acaba por instaurar os elementos que a configuram” (DUARTE; SOUZA, 2015, p. 108). Desse modo, o uso da teoria psicanalítica como metodologia parte desse pressuposto, o de se opor ao universal e ao dado natural, aceitando que o conhecimento construído é incompleto e subjetivo.

Essa incompletude leva diretamente ao terceiro ponto, a questão do compartilhamento desse saber fragmentando, parcial, temporário. Para a psicanálise isso não é um problema, é uma potencialidade, permite o compartilhamento da experiência com o outro, já que:

Quando se quer estar em diálogo com a criação, seja a produção de um objeto de arte, seja a produção de um discurso, ou de um pensamento, faz-se necessário a abertura para a incompletude e assim criar um espaço de habitação para o outro, para o diferente, para o leitor, ou seja, para aquilo que vai desestabilizar o dito/escrito, o que está fora do meu alcance, o que está dado em processo e/ou inacabamento. Algo se instaura nesse ato de tomar qualquer produção como inacabada e faltante, pois relança o saber naquilo que o funda, a interrogação que põe à prova todo dito. (DUARTE; SOUZA, 2015, p. 101).

Entendendo então que cada sujeito possui sua própria subjetividade e de que o esforço de aplicar técnicas padronizadas de entrevistas pode acabar prejudicando os dados construídos, opta-se pela a utilização da técnica de entrevista informal, até porque está prática segue os preceitos

psicanalíticos da associação livre e da escuta. A entrevista informal pouco se difere de um diálogo informal, tendo como única diferença que ela ainda possui o intuito de coleta/construção de dados e possui um tema/objetivo a serem focados (GIL, 2009). Outra questão que corrobora para o uso dessa técnica é que a mesma é indicada para estudos exploratórios, onde o foco é obter uma visão ampla e dinâmica do problema de pesquisa (GIL, 2009).

O projeto de pesquisa pretende que cada bolsista responsável pela pesquisa entreviste cinco moradores dos bairros Harmonia ou União, não havendo delimitação de idade, gênero, sexo e dentre outras variáveis. Tendo cada entrevista a média de três encontros com a duração de no mínimo uma hora, as quais serão gravadas e depois transcritas. Até o momento foram realizadas três entrevistas, faltando ainda dois moradores para a conclusão dessa etapa da pesquisa. A etapa final do projeto é a criação de algum dispositivo de mídia e também a sua divulgação tanto no meio acadêmico como na comunidade.

Invisibilidade social como sintoma

Inicialmente, a proposta era que os bolsistas encontrassem participantes para pesquisa em colaboração com as agentes comunitárias de saúde dos respectivos bairros, União e Harmonia. Entretanto, as agentes do bairro Harmonia, que é o bairro pelo qual o bolsista/autor foi designado, estavam atarefadas e sobrecarregadas, por esta razão foi necessário buscar outras formas alternativas para o início da realização da pesquisa e procura de sujeitos.

Tendo em mente que os bolsistas não conheciam a região e não tiveram o apoio das agentes comunitárias, a primeira iniciativa então, foi a de ir conhecer as localidades da pesquisa, os bairros Harmonia e União. Graças a professora orientadora que já conhecia algumas moradoras do Harmonia, foi possível pedir auxílio a essas mesmas moradoras e então elas nos guiaram pela região.

Nessa visita houve dois momentos em específicos pertinentes a serem comentados. O primeiro foi quando uma conhecida de uma das mulheres que estava guiando os bolsistas veio conversar com o grupo visitante, inicialmente ela tratou eles com desconfiança, questionando a razão deles estarem ali. Assim que ela descobriu que era um grupo do curso de psicologia, ela logo começou a falar a respeito de seu filho que estava doente e não saía mais de casa. Ao ouvir o relato dessa mãe foi possível compreender que o seu filho estava fazendo o uso abusivo de drogas, ademais ela apontou para ele a uns metros de distância na esquina, com um grupo de adolescentes. O mais impressionante, tudo ocorreu de forma naturalizada e no meio da tarde, com os jovens encarando e outras pessoas passando como se essa situação não fosse algo inusitado.

Durante a entrevista de uma das moradoras foi revelado que o filho dessa mulher havia morrido de Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (AIDS) em decorrência do uso abusivo de drogas e que a sua mãe havia adoecido também, contraindo pneumonia. Casos como esses infelizmente não são exceções, mas fazem parte de uma triste realidade na qual os filhos morrem aos montes e as mães vivem para contar história. Eliane traz inúmeros relatos de mães que perderam os seus filhos antes mesmo deles completarem 20 anos – expectativa de vida de jovens favelados, e cujas mães já parcelam o dinheiro dos caixões para os filhos antes mesmos deles morrerem (BRUM, 2017). Essa mãe não está morrendo de pneumonia, mas sim de dor e luto, já que “nenhum idioma tem nome para quem sobrevive a um filho. Para tal dor não há lugar sequer na língua” (BRUM, 2017, p. 176).

Acerca do uso de drogas, essa mesma moradora comentou que é normal na comunidade, além de frequentemente ver diversos carros indo

nos pontos comprar drogas, ela trouxe também que até médico chegou a ver indo nesses pontos. Ainda sobre a AIDS, descobriu-se que também é uma problemática presente, havendo o relato de um dos moradores que trouxe que muitos contraíram a doenças ao fazerem tatuagens com máquinas usadas na região sem a esterilização adequada.

O segundo momento também foi referente à questão do uso de substâncias químicas, as guias comentaram não ser prudente utilizar um determinado lugar do bairro que poderia servir como um bom atalho para cortar caminho, pois, ali era um lugar onde os dependentes químicos dormiam e usavam drogas. Uma das entrevistadas também relatou que o seu irmão de aproximadamente 60 anos era dependente de crack e que para manter o vício tornou-se um “faz tudo” da comunidade, essa entrevistada ainda trouxe que tinha medo quando ele conseguisse se aposentar, pois, assim ele teria uma renda fixa para gastar em sua dependência.

É possível perceber então como o uso de drogas e suas consequências são extremamente presentes e naturalizadas nessas comunidades. O uso de drogas em na sociedade é totalmente alarmante, “o consumo total anual de drogas medicinais no mundo inteiro é de cerca de 250 bilhões de dólares, mas o consumo de drogas recreativas é pelo menos dez vez maior. Pessoas tanto de países ricos quanto pobres parecem ter um desejo constante de alterar seu estado de consciência” (IVERSEN, 2012, p. 82). Notamos então que o uso não restringe-se apenas a pessoas em contexto de vulnerabilidade social, porém, aparentemente intensifica-se nessas condições.

Uma outra questão pertinente a ser comentada é que alguns moradores trouxeram acerca da dificuldade de conseguir um emprego pelo simples fato de serem moradores dessas comunidades. Uma inclusive relatou que os taxistas não entravam nessas regiões dependendo do horário, impossibilitando assim o transporte dos moradores para locais de trabalho, logo, por mais que os dois bairros sejam, geograficamente falando, parte da cidade de Santo Ângelo, no mundo simbólicos eles são ilhados, são *os outros*, o resto ou parafraseando a perspicaz observação de Carolina de Jesus ao se referir sobre o lugar que morava, essas duas comunidades são o quarto do despejo da cidade, uma espécie de “lixão humano”, o lugar das pessoas da segunda categoria (JESUS, 2014).

Ainda sobre essa questão dessa barreira invisível entre dois mundos, é pertinente se lembrar da fala da Graça, uma das entrevistadas por Eliane Brum. Relatando a entrevista, Eliane nos traz:

Ela descreve o país em que vive como dois pedaços partidos. Não há barreira física, concreta, entre a favela e o asfalto. Só uma avenida chamada Brasil. Aparentemente, Graça poderia atravessá-la. Mas os muros mais intransponíveis são justamente os invisíveis. “A gente não tem dinheiro pra sair da favela. Tamos presos”, diz. “Quem tá lá fora não sabe que a gente vive em guerra. Pra eles não somos mais seres humanos. Eu sinto tanto medo, o tempo todo. Queria me esconder em baixo da terra. Embaixo da terra eu me sentiria segura”. (BRUM, 2017, p. 179).

Em uma realidade onde o tráfico é a “profissão” mais prestigiada, em alguns casos a única possível também, no universo social dessas pessoas e o uso de drogas como crack, cocaína, maconha e dentre outras é equivalente ao tomar uma xícara de café de manhã, notamos como o rapper Sabotage possui um olhar aguçado e preciso da situação das pessoas que vivem nesse universo, principalmente os jovens, quando canta:

Cerveja (wisk), um trago (um isqueiro).
Os manifestos maléficos o homem é o próprio fim.
A química é o demo e quer então nos destruir.

Vários da função só sangue bom que viciaram (aham).
 Do Brooklyn ao Canão tem branca pura em Santo Amaro.
 Muitos que estão com o pensamento ao contrário (só só).
 Quem não se aposentou só se está preso ou é finado.
 Alguns pedindo nos faróis desnorteados.
 Tem química na fita, contamina os brasileiros.
 Criança de seis anos com um cigarro nos dedos (SABOTAGE, 2000).

Diante disso tudo, a droga então torna-se um refúgio e também um mecanismo para fugir da realidade, é a válvula de escape de um contexto que renega a esses moradores a condição de sujeito. Freud nos traz que “se a percepção da realidade acarreta desprazer, essa percepção – isto é, a verdade – tem de ser sacrificada.” (FREUD, 1937/1988, p. 270). Somos bastante influenciados pelo o princípio do prazer, evitando sempre quando possível o desprazer. (FREUD, 1937/1988). Ele ainda complementa que, ao que tange a perigos externos, o sujeito tenderá a fugir ou evitar o perigo até que torne-se suficientemente forte para alterar ativamente sua realidade (FREUD, 1937/1988). Em consequência disso, a droga é usada para que não haja a necessidade de ter que lidar com a angústia do Real, com a angústia de ser o resto do resto.

Outra ideia para encontrar indivíduos para a pesquisa foi ir visitar o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da região pesquisa, a qual supostamente deveria estar prestando serviços aos bairros. Houve três visitas, em diferentes horários e atividades, além de coleta de informações com os responsáveis pelo o estabelecimento acerca de algum morador da região que frequentava os serviços. Mesmo assim, foi encontrada somente uma moradora participante em todas as atividades ofertadas por esse CRAS, a qual estava ausente devido ao nascimento de sua filha.

Um momento bastante interessante a ser comentando foi acerca da visita dos bolsistas no dia que era ofertado refeições gratuitas para os moradores das regiões atendidas. Pensou-se que pelos os bairros Harmonia e União estarem em vulnerabilidade social, que os moradores dessas regiões iriam comparecer nessa ocasião no CRAS. No entanto, no momento que os bolsistas chegaram no local e apresentaram sua proposta, a grande maioria das pessoas presentes no local ficou em silêncio e alguns outros sujeitos foram até mesmo hostis, comentando que se os bolsistas de fato desejam-se falar com algum morador desses bairros que eles deveriam procurar a polícia, eles certamente saberiam onde encontra-los. Ficou bastante perceptível o desdém das pessoas para com os moradores desses dois bairros e inclusive, novamente não havia nenhum morador dos lugares supracitados na distribuição da refeição gratuita, ou se havia, ele não manifestou-se. O que os leva a não irem atrás do auxílio ofertado pelo o Estado? Por qual razão, até mesmo a prestação de serviços focados no bem estar social não os incluem? Nossa suspeita de resposta reside na fala do usuário do CRAS: que poderia ser traduzida como *eles* (subentende-se marginais, pela referência a dever encontra-los com a polícia) *não são bem vindos aqui*.

Segundo David Harvey (2008) nós estamos vivendo em uma sociedade onde as áreas urbanas são divididas, como que se cada parte da cidade fosse destinada a uma “casta” e/ou classe social. Os resultados desta divisão segundo ele são:

[...] indelevelmente cáusticos sobre as formas espaciais de nossas cidades, que consistem progressivamente em fragmentos fortificados, comunidades fechadas e espaços públicos privatizados mantidos sob constante vigilância. No desenvolvimento mundial, a cidade está se dividindo em diferentes partes separadas, com aparente formação de muitos “microestados”. (HARVEY, 2008, p. 81).

É possível então observar nessa recepção hostil dos moradores de outras regiões atendidas esses “microestados” que Harvey comenta, os moradores dos bairros União e Harmonia estão na margem da margem e por isso não merecem respeito, ou melhor, não merecem nada, pois eles estão invisibilizados, não existem socialmente. A partir deste relato, talvez seja possível fazer uma analogia com a figura do “mulçumano”² que Rosa e Poli (2009) trazem em seu texto, segundo elas, os “mulçumanos” eram “figuras que não despertavam solidariedade, que não eram considerados semelhantes” (ROSA; POLI, 2009, p. 8), por mais que as pessoas que os julgassem estivessem muito próximas de encontrarem-se no mesmo abismo. Outra observação, seria a de se lembrar dos relatos de Carolina de Jesus ao comentar acerca do desprezo dos “não favelados” com os favelados, por serem segundo eles “animais” (JESUS, 2014).

Mas qual a razão desse desdém? O que faz pessoas em situações sócio econômicas razoavelmente semelhantes terem tanto desprezo? As psicanalistas argumentam que esse desdém advém do fenômeno de identificação. Os usuários desse CRAS notam semelhanças com os moradores dos bairros Harmonia e União, isso causa angústia, demonstra o quão perto eles estão de tornarem-se “não-humano” – ou favelados como diria Carolina de Jesus – e a defesa imediata é o desdém, é transformá-los em uma “não-insígnia”, é demarcar a diferenciação entre “nós” e “eles”, pois, ao fazer isso esses usuários afastam-se da ideia de serem iguais/semelhantes aos moradores dos bairros Harmonia e União. (ROSA; POLI, 2009).

Isso tem consequências drásticas para os moradores dos bairros Harmonia e União. A invisibilidade e exclusão deles reforça uma lógica perversa de desigualdade. A consequência disso afeta não somente os moradores de hoje, mas como as próximas gerações de suas famílias, a instabilidade financeira provavelmente levará os seus filhos, seus netos e assim por diante a não se utilizarem dos serviços sociais do Estado. Deste modo “acentuam-se as desigualdades sociais e de renda das famílias, afetando as suas condições de sobrevivência e minando as expectativas de superação desse estado de pobreza [...]” (GOMES; PEREIRA, 2004, p. 360).

Ademais, vivemos atualmente em uma época de globalização, onde a função do Estado perde sua relevância, não conseguindo mais combater as desigualdades entre as classes (MELA, 1999). Reina o paradigma do “faça você mesmo”, da individualidade e de lógicas meritocráticas. Portanto:

[...] o novo quadro que agora se define mostra-se caracterizado por uma tendência para o aumento das disparidades sociais, uma maior fragmentação dos actores sociais e uma mutação contínua das situações, ao ponto de tornar inúteis as tentativas para estabelecer, explícita ou implicitamente, acordos de longa duração entre as partes sociais, com garantia oferecida pela a intermediação de um Estado forte e intervencionista. (MELA, 1999, p. 103).

Sobre isso, Safatle (2016) comenta acerca dessa lógica perversa que faz a sociedade acreditar que os sujeitos são restritamente responsáveis pelos os seus erros e acertos, uma lógica extremamente individual que ignora inúmeras variáveis e funda-se somente no pensamento do “fiz por merecer”. Ademais, o autor discorre também sobre o caso das famílias ricas de Florença que há 584 anos perpetuam-se no poder, certamente elas estão nessa posição unicamente pelo os seus méritos e capacidades e não pela herança econômica e política, relata o autor de modo sarcástico (SAFATLE, 2016).

Por fim, verifica-se que a invisibilidade social dos moradores dos bairros Harmonia e União leva a inúmeras consequências, as quais são

2

Nome que designava os sujeitos que haviam perdido as esperanças nos campos de concentração, eram segregados até mesmo pelos outros que se encontravam na mesma situação (ROSA; POLI, 2009, p. 8).

prejudiciais. Através dessa invisibilidade, cria-se preconceitos, tabus, estigmas os quais levam o resto da cidade de Santo Ângelo a desprezá-los, excluí-los e diretamente ou indiretamente a matá-los. O medo do desconhecido leva a isso, os bairros Harmonia e União não são bairros da cidade de Santo Ângelo, assim como outros bairros da cidade que encontram-se nessa situação, são ilhas e/ou territórios próximo da cidade, mas não fazem parte da mesma. Ou ainda, fazem parte daquilo que jogamos fora. Um quarto de despejo.

Conclusão

“Por isso, se escapares destes breus e voltares a rever as belas estrelas, quando puderes dizer “Estive lá”, faça com que não esqueçam de nós” (ALIGHIERI, 2016, p. 85). Assim como Dante e seu guia Virgílio foram intimados pelas almas que penavam no inferno para que suas histórias fossem relatadas pelo poeta e assim não esquecidas, mas sim reconhecidas, os bolsistas através da proposta de pesquisa acabaram sendo convocados por um dever ético em relação aos moradores para contarem suas histórias, receberam o dever ético de mostrar ao resto do mundo que nos bairros Harmonia e União existe sujeito, existe gente como a gente.

É devido a essa responsabilidade que é pertinente lembrar que esses moradores confiaram nos bolsistas e desejaram que suas histórias fossem divulgadas, tal desejo imbuíu os bolsistas de uma necessidade ética para com suas histórias. Eliane Brum comenta que ao escutarmos a história de um sujeito estamos assumindo uma responsabilidade ética sobre o que nos foi revelado, cabe ao entrevistador ter consciência que ele talvez narre/escreva algo que os entrevistados sequer poderão ter contato futuramente (BRUM, 2017). Transcrever a história de vida de alguém é uma tarefa árdua e delicada.

Os bairros Harmonia e União são conhecidos como sendo os bairros dos “marginais”, porém, analisando os relatos dos testemunhos encontrados até o momento, isso não parece ser muito correto. Não se nega há existência de criminalidade nos bairros, porém, no resto da cidade também há, talvez só não tão visíveis. O que esses relatos trazem é de que há muito mais do que apenas criminalidade, o Harmonia e o União possuem vida, humanidade, erros e acertos. Através dos relatos de testemunhos conhecemos os sujeitos que moram nessas localidades, cada qual com suas singularidades e histórias únicas.

Compreendendo isso, é possível perceber que o resultado e consequência mais rica dessa pesquisa provavelmente é que ela oportuniza que o resto da cidade de Santo Ângelo tenha consciência de que existe muito mais nesses bairros. O testemunho possibilita que o leitor possa se identificar com o eu-lírico. Essa identificação pode problematizar preconceitos e quem sabe até extingui-los, espera-se que a criação de algum tipo de mídia proposta para a etapa final dessa pesquisa colabore para a desconstrução dessa problemática.

Tendo em mente o que foi exposto acima, é extremamente válido afirmar a importância de obras testemunhais para a compreensão da realidade de pessoas em contexto de vulnerabilidade social. Elas promovem a oportunidade da expressão para estes indivíduos, é na potencialidade da narração, nestas obras, que estas pessoas podem demonstrar as suas realidades e se colocarem na posição de sujeitos. Elas fazem um furo na cegueira social que insiste em negá-las existência digna.

Dito isto, percebe-se o poder da narrativa não apenas como um formato que irá demonstrar o contexto sociocultural do autor que narra sua história – o que por si só, já é bastante relevante –, mas além disto, ao narrar suas vivências, é possível adquirir uma reconstituição da posição de sujeito. Isto,

para pessoas em vulnerabilidade social e que são colocadas como o resto do resto, possui um potencial terapêutico e potencializador.

Por fim, a importância de obras de testemunhos é extrema, pois, segundo Walter Benjamin no texto “Sobre o Conceito da História” (1987), a história sempre é contada através das lentes dos vencedores, ou seja, pela a classe dominante. Em vista disso, quando permitimos que pessoas historicamente excluídas relatem a sua versão da história, estamos colaborando para que possa ocorrer transformações. Afinal, “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de “agoras””. (BENJAMIN, 1987, p. 229).

Ao escutar suas histórias, muitas vezes acompanhadas de eventos traumáticos, é notável o quanto permanecem atuais alguns sofrimentos, principalmente os que seguem atrelados a situação de vulnerabilidade social. Deste modo, a oferta de uma escuta a esses moradores não se detém apenas em uma investigação, mas, também em um auxílio e até mesmo uma intervenção. Ou seja, ao prestar atenção no passado, pode-se compreender melhor o presente e então transformá-lo, permitindo desenvolver uma utopia, um desejo de mudança, isso é poderoso, pois:

As perspectivas utópicas nos colocam possibilidades de “invenção da vida”, como afirma Sousa (2002, p. 40): “As perspectivas utópicas nos colocam sempre diante de outros possíveis num claro esforço de esburacar o tecido repetitivo com o qual nos cobrimos para enfrentar as intempéries da vida”. E acrescenta que “todo ato criativo” traz em si uma utopia” (p.44), pois tenta fundar um novo lugar de enunciação e abre lugares para imagens possíveis, para assim recuperar esperanças adormecidas em algum avesso esquecido. (ROSA; POLI, 2009, p. 7).

Sobre o artigo

Recebido: 23/10/2020

Aceito: 02/11/2020

Referências bibliográficas

- ALIGHIERI, D. **A Divina Comédia**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.
- ATHAYDE, C. MV BILL. **Falcão: Meninos do Tráfico**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.
- BENJAMIN, W. **Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretária de Atenção à Saúde. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **Clínica ampliada, equipe de referência e projeto terapêutico singular**. Brasília, 2007.
- BRUM, E. **O olho da Rua: uma repórter em busca da literatura da vida real**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017.
- CANAVEZ, F.; HERZOG, R. A linguagem das resistências: considerações sobre o trauma na clínica psicanalítica. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 2, p. 327-341, 2012.
- DUARTE, A. F.; SOUZA, E. L. A. A dimensão ética na produção do conhecimento e na psicanálise. **Tempo Psicanalítico**, Rio de Janeiro, v. 47, n. 2, p. 103-114, 2015.
- ESTAMIRA**. Direção de Marcos Prado. Produção de José Padilha. Rio de Janeiro, 2006. 1 DVD (115 min).

- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas**. São Paulo: Martins Fontes, 8ª ed. 1999.
- FREUD, S. A questão da análise leiga: pós escrito (Trabalho original publicado em 1927). *In*: Freud, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira** (E. Salomão, coord., Vol. 20). Rio de Janeiro: Imago, 1987, 1ª reimpressão, 1988, p. 285-293.
- FREUD, S. Análise terminável e interminável (Trabalho original publicado em 1937). *In*: Freud, S. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira** (E. Salomão, coord., Vol. 23,). Rio de Janeiro: Imago, 1987, 1ª reimpressão, 1988, p. 239-289.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 2009.
- GOMES, M. A.; PEREIRA, M. L. D. **Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas**. *Ciência e Saúde Coletiva*, 2004, p. 357-363.
- HARVEY, D. O Direito à Cidade. **Lutas Sociais**, São Paulo, Tradução: Jair Pinheiro. 2008.
- IVERSEN, L. **Drogas**. Tradução de Flávia Souto Maior. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.
- JESUS, M. C. **Quarto de Despejo: Diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2014.
- MELA, A. **A Sociologia das Cidades**. Lisboa: Editorial Estampa. 1999.
- PERSÉPOLIS**. Direção de Marjane Satrapi e Vincent Paronnaud. Paris: Laboratoires Franay Tirages Cinematographiques (LTC). 2007.
- POLI, M. C. Escrevendo a psicanálise em uma prática de pesquisa. **Estilos da Clínica**, São Paulo, v. 13, n. 25, p. 154-179, 2008.
- ROSA, M. D.; POLI, M. C. Experiência e linguagem como estratégias de resistência. **Psicologia & Sociedade**, v. 21, 1 Edição Especial: p. 5-12, 2009.
- SABOTAGE. **Cocaína - Rap é Compromisso!** Música, 2000. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/sabotage/135120/>. Acesso em: 01/08/2019.
- SAGAN, C. **O Mundo Assombrado pelos Demônios: A ciência vista como uma vela no escuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SAFATLE, V. **Quando as ruas queimam: manifesto pela emergência**. São Paulo: N-1 edições, 2016.
- SOUSA, E. Por uma cultura da utopia. *In*: C. M. Boettcher (Org.), **Unicultura** - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.